

Rumo a África

Contribuição para o estudo da presença das companhias de teatro e dos actores portugueses em África (1900-1974)

José Carlos Alvarez

EM 1936, nas páginas do semanário de cinema, teatro e actualidades *Espectáculo*, escrevia o ilustre actor Carlos Leal (1877-1964), numa prosa rebuscadíssima, mas sempre inteligente, e num português exemplar, como era seu hábito, um lúcido e oportuno artigo intitulado “Rumo a África”, a propósito da inexistência de digressões (ou *tournées*, utilizando a linguagem da época) teatrais de companhias e actores portugueses às suas colónias africanas.

Questionava então o actor, em tom de apelo e desafio, “morreram todas as tentativas de organização de *tournées* às Colónias? Ninguém mais pensa nisso, nem mesmo como meio de arranjar colocação para alguns desempregados?... Não aparece um arrojado empresário que arrisque uns contos de reis num giro de experiência pelo Império Colonial? [...] E arriscavam tudo com as *tournées* ao Brasil!” De facto, neste artigo, Carlos Leal fazia uma espécie de síntese do que acontecera nos anos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX quanto a opções (hoje diríamos estratégias) de digressão e circulação das principais companhias teatrais portuguesas e dos seus actores. As idas [às vezes sem volta, como são os casos de Ester Leão (1895-1971) ou Maria Júdice da Costa (1870-1960)] ao Brasil são constantes, levando até a que alguém poeticamente (ou teatralmente) apelide esse permanente vaivém como um grande palco sobre o oceano Atlântico, tal era a quantidade de barcos de carreiras regulares que transportavam nos seus camarotes, entre Portugal e o Brasil, as nossas melhores companhias e os nossos mais populares e famosos actores e actrizes – praticamente todos foram actuar ao Brasil, alguns deles fazendo mesmo uma parte significativa da sua carreira entre cá e lá, como Eduardo Brasão (1851-1925), Lucinda Simões (1850-1928) e sua filha Lucília Simões [(1879-1962) tendo até nascido no Rio de Janeiro, onde seus pais se encontravam, nessa data, a viver], António Pinheiro (1867-1943), Chaby Pinheiro (1873-1933), Maria Matos (1886-1952), Vasco Santana (1898-1958), Beatriz Costa (1907-



Carlos Leal
Fotografia, s.d.
MNT, inv. n.º 791 143

Maria Matos
Fotografia, s.d.
MNT, inv. n.º 92 895

1996) ou Carlos Leal, entre muitos e muitos outros. Já para África são raras, até aos anos quarenta do século XX, as deslocações de figuras de peso do nosso teatro [são excepções as actrizes Hortense Luz (1900-1984) e Maria Matos], sendo as poucas digressões normalmente asseguradas pelas então designadas trupes ou companhias de menores dimensão e qualidade. Se este flagrante contraste encontra, por um lado, fortes justificações e explicações cientificamente tratadas no âmbito das Ciências Sociais, também não são alheias, por outro, algumas situações mais de raiz teatral, como a quase inexistência de verdadeiros teatros *à italiana* nas principais cidades das colónias africanas (são excepção os dois teatros de Lourenço Marques, o Varieté – um teatro mandado construir por um italiano e que era preferencialmente frequentado pelos estrangeiros aí residentes, já desaparecido – e o Gil Vicente, com uma fachada muito semelhante à do Teatro Politeama de Lisboa, e do qual apenas resta o

nome adaptado a um cinema, ainda em actividade na actual capital moçambicana) que, ao contrário, inundam o Brasil (e quase toda a América Latina), bem como a carência de público qualificado, a falta de técnicos, a impossibilidade de permutas, a inexistência de uma dramaturgia local e, sobretudo, as condições empresariais, normalmente pouco ou nada profissionais em África, para além das distâncias e das condições de transporte. Aliás, a este propósito, parece-me interessante referir um outro artigo escrito por A. Victor Machado, uns bons anos antes, em 1924, no primeiro número do quinzenário *Correio dos Teatros* por ele dirigido. Intitulado “A triste odysseia de alguns dos nossos artistas nas colónias”, o autor, depois de dar notícia da falta de escrúpulos de um qualquer empresário de momento que pretende contratar artistas para trabalharem nas colónias sem quaisquer garantias, dá como exemplo um episódio recente que envolveu artistas de primeiro plano da vida teatral de então. Escreve ele

que os actores “lá foram, degredados, auferindo uns vencimentos ridículos – o suficiente para morrerem de fome – fiados nas promessas cynicas do ‘engraçador de artistas a preços reduzidos.’ Tudo por lá se desmembrou. Longe das suas terras, dos seus lares, os infelizes artistas, vilipendiados, encontraram-se de um dia para o outro a braços com o Destino que lhes foi bem adverso. Maria Matos, Afonso de Matos, Romualdo de Figueiredo, Tina Vale e Maria Helena, que faziam parte da companhia, foram desligados. Vêm a caminho desiludidos e sem trabalho para a próxima época de verão.” E continua, aconselhando que “é preciso que se convençam de vez que ir a África não é o mesmo que ir a qualquer das nossas províncias, quanto é certo que está absolutamente demonstrado que na África só um pequeno grupo de artistas, com repertório leve, pode equilibrar-se. *Os Temos*, por exemplo, a trupe de Thomaz Vieira¹ e *Os Geraidos*.”

Curiosamente, o número quatro do mesmo quinzenário, publicado poucas semanas depois, dá conta, numa pequena notícia, da digressão do Trio Maria Matos (a grande actriz mais Afonso de Matos e Gabriel Lopes) por terras de Angola, acabados de serem recebidos em Huambo onde “agrada-ram sobremaneira”, depois de “terem percorrido Lubango, Mossamedes e Lobito, onde alcançaram um extraordinário êxito”.

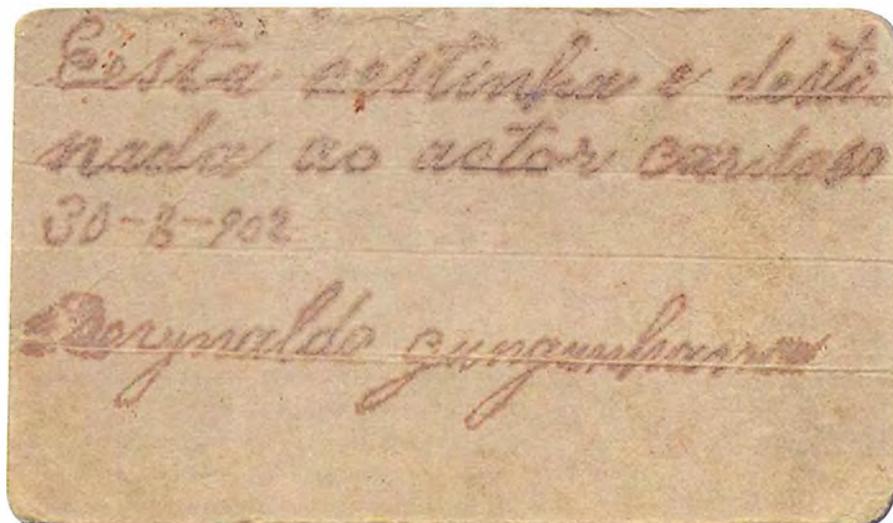
Maria Matos, que apesar destas notícias contraditórias e dos contratempos que terão, por certo, atingido esta sua digressão, volta, pelo menos, uma vez mais a África, em 1938, onde, recebida apoteoticamente, é alvo de inúmeras homenagens, como é descrito no seu livro de memórias.

Vem tudo isto a propósito da intenção e da origem deste texto: fazer um roteiro e traçar um percurso da presença de companhias e actores portugueses (ou da Metrópole, como então se designava) na África colonial (entendida aqui, apenas, como Angola e Moçambique), através das colecções existentes no acervo do Museu Nacional do Teatro (MNT).

Como já ficou claro, essa presença foi sempre extremamente diminuta, quando não quase inexistente, em contraste absoluto com o que se passava com o Brasil e até, em alguns períodos, com a Argentina. Ora, esta situação reflecte-se, clara e necessariamente, no acervo daquele Museu, o qual, apesar de ser um museu nacional e de se assumir como a instituição de referência no nosso país quanto à preservação da memória da História do Teatro em Portugal, não tem, obviamente, pretensões (poderá ter esse “utópico” desejo...) de abarcar de forma exhaustiva e completa, nas peças e documentos que constituem as suas colecções, todos os períodos e todos os elementos que constituem essa vastíssima História.

No entanto, o acervo do Museu Nacional do Teatro é actualmente constituído por mais de 250 mil espécies, nele incluindo, por certo, vestígios, documentos e memórias de praticamente todas as companhias profissionais que desde o final do século XIX até aos nossos dias por cá foram criadas, bem como duma muito substancial parte dos actores e actrizes que, ao longo dessas décadas, actuaram nos diferentes palcos espalhados por todo o território nacional ou, melhor ainda, por todas as regiões onde a língua portuguesa era dominante.

O vestígio mais antigo à guarda daquele Museu é um objecto que nada tem que ver, directamente, com o teatro (ou, pelo menos, com a criação teatral) mas que, para além do enigma que representa, está ligado, simbolicamente, a um dos episódios coloniais da nossa história imperial mais conhecidos: a campanha de Chaimite e a derrota, e consequente detenção (1895) e extradição para Portugal continental do régulo moçambicano Reynaldo Gungunhana (?-1906). Trata-se de um pequeno cesto, de notável equilíbrio estético e marcadamente de influência cultural africana, todo feito à mão (provavelmente) por aquele chefe indígena e por ele oferecido ao actor António Cardoso (1860-1917), um dos comediantes mais populares e queridos do



público lisboeta do final do século XIX e inícios do século XX. Este cesto, doado ao Museu por D. Ester Cardoso, familiar directa do actor, continha no seu interior um pequeno cartão manuscrito e assinado pelo próprio Reynaldo Gungunhana, com os dizeres: “Esta cestinha é destinada ao actor Cardoso, 30-8-902”; um cartão-de-visita do referido actor, com os nomes “António da Silva Pratas Godide” e “Roberto Frederico Zixaxa” manuscritos no verso e um pequeno recorte de jornal com a notícia “Com 120 anos morreu a viúva do régulo Zixaxa”. Qual a relação que tudo isto tem com aquele actor? O que terá levado Gungunhana a lhe oferecer tal objecto, cujo valor simbólico e afectivo parece evidente? São tudo questões para as quais não conhecemos resposta, permanecendo a relação e o “encontro” daquele régulo moçambicano com um dos actores mais populares da vida teatral portuguesa daquele período como uma incógnita.

Duas coisas são, contudo, absolutas certezas: o actor António Cardoso nunca terá viajado profissionalmente para as colónias, fazendo, aliás, uma grande parte da sua carreira sempre no mesmo teatro, o Ginásio, pelo que ficou também



Cesto executado manualmente por Reynaldo Gungunhana
MNT, inv. n.º 80 296

Cartão manuscrito por Reynaldo Gungunhana, 1902
MNT, inv. n.º 80 296

Actor Cardoso
Fotografia s.d.
MNT, inv. n.º 20 709

Programa da Companhia Filomena Lima-Adelina Fernandes
Teatro Varietá, Lourenço Marques, 1925
MNT, inv. n.º 66 712



conhecido pelo "Cardoso do Ginásio"; o régulo Reynaldo Gungunhana não era o perigoso selvagem, primitivo e de tanga, que a propaganda do Estado Novo colonial durante décadas tentou criar no imaginário colectivo de muitas gerações de portugueses do século XX, quer a partir dos manuais escolares até ao cinema "oficial", tendo no filme *Chaimite* (1953), de Jorge Brum do Canto, o seu máximo exemplo.

A primeira referência propriamente teatral existente no acervo do Museu Nacional do Teatro é um bonito Programa do Teatro Varietá, de Lourenço Marques, anunciando a presença da Companhia Filomena Lima-Adelina Fernandes, em 1925, com a revista *Rez-Vez*, "ampliada com números novos e fados e guitarra" por Adelina Fernandes (1896-1983), atriz e fadista muito querida do público lisboeta.

Anos mais tarde, em 1931, numa digressão a África, actuava pela primeira vez em Lourenço Marques a célebre Companhia Hortense Luz, estreando-se, e por lá permanecendo em cartaz durante algumas semanas, no mesmo Teatro Varietá. Tendo já alcançado grandes êxitos em Lisboa, esta Companhia, do empresário Mário Pombeiro, tinha como principal figura a popularíssima atriz Hortense Luz (que lhe dava o nome) e era integrada por outros actores que fizeram história no nosso teatro como Henrique Alves (1873-1934), Alberto Ghira (1888-1971) ou Alfredo Ruas (1890-1966), e o ainda jovem Eugénio Salvador (1908-1992), que só há bem poucos anos nos deixou, trabalhando sempre como notável *compère* de revista, até à sua morte. Desta presença em Moçambique restam dois programas (um para o 'melodrama musicado' *O Grão de Bico*, e outro para o *vaudeville O Jorge Cadete*, este bastante completo e graficamente muito trabalhado) e uma notável descrição constante no livro *Memórias Ultramarinas* de Virgínia Cabral Fernandes (n. 1916). Escreve esta autora que "[...] por essa altura foi a Lourenço Marques a Companhia de Teatro e Revistas de Hortense Luz. Foi um sucesso! O velho Teatro Varietá estava sempre cheio. Nós íamos às matinéas para uma frisa acompanhados pela governanta. A revista tinha bons actores, principalmente os cómicos e os bailarinos. Meu irmão Augusto, mais novo do

Programa da Companhia Hortense Luz
Teatro Varietá, Lourenço Marques, 1931
MNT, inv. n.º 135 059





que eu, ria-se perdidamente, batendo com um dos punhos com força no parapeito da frisa. Alfredo Ruas era o seu preferido.”

E conclui Virgínia Cabral Fernandes, filha do então governador-geral de Moçambique, coronel Pereira Cabral: “O guarda-roupa era espectacular, o que dava muito realce à representação. Muitas plumas, muitas lantejoulas e... muitas pernas ao léu das bailarinas. O corpo de baile era formado por jeitosas raparigas que, segundo as más línguas, deram a volta à cabeça de muitos homens e lhes esvaziaram as carteiras.”

Infelizmente, são muito raras as memórias (quer descritivas, quer iconográficas) destes espetáculos e dos ambientes que proporcionavam, bem como dos teatros onde tudo se passava.

Desta mesma Companhia há ainda notícia, através dos respectivos programas, de outros espetáculos em África, integrados na mesma digressão: na capital angolana, na inauguração do Nacional Cine-Teatro de Luanda, em 1 de Janeiro de 1932, com a revista *Zabumba*, no mesmo teatro em finais do mesmo mês com *Revista das Revistas* (uma selecção dos melhores números de 12 outras revistas aplaudidas em vários teatros de Lisboa) e com o já referido *O Grão de Bico*, também levado à cena ainda em Dezembro de 1931 no Cine-Teatro Barbara Volckart² (não se encontrou qualquer informação sobre este teatro), em Benguela.

Programa da Companhia Hortense Luz Nacional Cine-Teatro, Luanda, 1932 MNT, inv. n.º 135 054



Programa da Companhia Hortense Luz Cine-Teatro Barbara Volckart, Benguela, 1931 MNT, inv. n.º 135 091



De Setembro de 1935 é um programa para o Nacional (deverá ser o atrás referido Cine-Teatro Nacional, de Luanda) sobre um espectáculo extraordinário em homenagem ao *Cruzeiro de Férias às Colónias* no qual, depois de uma primeira parte “no ecran” com diversos documentários cinematográficos (como foi hábito em todos os cinemas até aos anos setenta do século XX), se poderá assistir à apresentação única de um recital pelo “grande actor” Estêvão Amarante (1889-1951), “o ídolo da cena portuguesa nas suas mais gloriosas criações das revistas e *vaudevilles*, que tão notável êxito alcançaram em Portugal e no Brasil”.

Sem existir qualquer indicação segura sobre a origem da presença de tão notável actor em terras de África, a leitura do programa leva a colocar fortemente a hipótese de que Estêvão Amarante seria um dos passageiros em férias naquele cruzeiro...

Em plena II Grande Guerra, em 1941, empreende uma *tournéeteatral* pelas colónias portuguesas de Angola e Moçambique a Companhia Embaixada da Saudade com a revista e “um dos maiores sucessos de Lisboa” *Isças com Elas*. Nesta companhia, que actuou em Luanda no Club Transmontano de Angola, destacavam-se as atrizes Cremilda Torres (1899-1988) e Berta Monteiro (1898-1960) e o tenor português Morgado Maurício (1908-?).

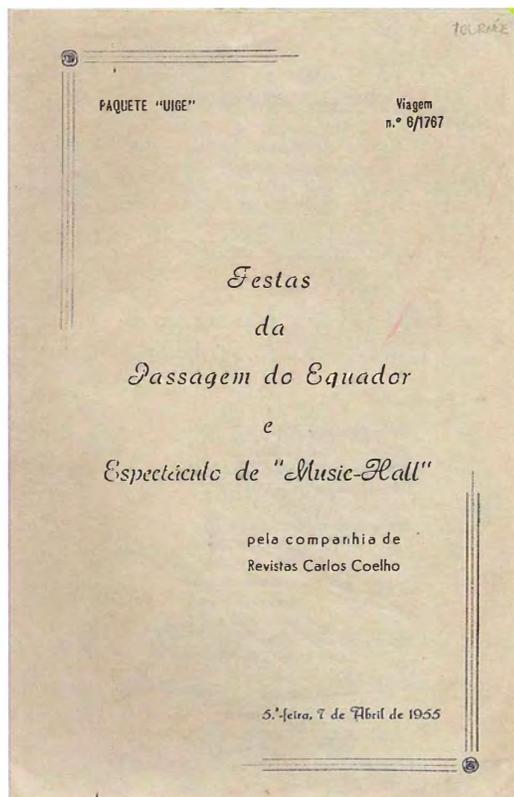
Ainda de 1941 é um exótico programa referente a uma digressão por terras de África do actor Octávio Mattos (1901-1964), pai do actor Octávio de Matos (1939), um dos actuais resistentes da revista à portuguesa e um dos mais populares cómicos das nossas televisões, em Ling-Chong “the devil man”, “o nosso 1.º actor excêntrico que poderia ser um dos maiores actores do teatro português” que “enquanto passava a galope a quadriga dos

gloriosos por convencionalismo, abandona o surto glorioso da sua carreira artística para, vestindo um kimòne, aparecer no palco como ilusionista”, como se pode ler no texto introdutório daquele programa, assinado pelo Dr. Mello e Alvim. “E vemos Lisboa e Porto consagrá-lo nesta nova modalidade”, lê-se ainda naquele texto, “e tão alto se guindou que o Estado não hesitou em subsidiar a sua digressão a África, malgré tout, para que nestas paragens longínquas do Império se saiba que um artista português nesta arte difícil, igualou os nomes dos ‘Changs’ e ‘Fumanchus’, esses magos construtores de maravilhas”.

Octávio Mattos (que ficou, durante algum tempo, conhecido na vida social e teatral lisboeta como Fumanchú) apresentava nesta digressão o espectáculo *Parada de Ilusões*, um misto entre a arte do ilusionismo e a revista à portuguesa, com “ensenação de Ling-Chong” que, depois do êxito no Coliseu dos Recreios de Lisboa “este artista se esforça por apresentar-vos de igual maneira, bem como todo o material avaliado no valor de 400.000\$00”.

Mas já em 1924, Octávio Mattos surgia como cabeça de cartaz do espectáculo de beneficência da Troupe Violetas, a *revista-fantasia Sonho de Pierrot*, no Cine-Parque de Luanda, demonstrando uma forte ligação a África, rara no meio teatral português.

Dando corpo à já referida *imagem* do oceano Atlântico como um imenso palco ou dos paquetes que constantemente o cruzam entre Portugal e o Brasil ou, neste caso, as colónias africanas, como verdadeiros palcos flutuantes, é o Programa das Festas da Passagem do Equador e Espectáculo de “Music-Hall” pela Companhia de Revista Carlos Coelho (1923-2000) no paquete *Uíge*, em Abril de 1955, a caminho de uma digressão por Angola e Moçambique, da qual restam inúmeras fotografias de cena. Da companhia deste excelente actor de revista, que, muito novo ainda, tinha estado já em 1935 em Angola, integrando o elenco da digres-



Programa da Companhia de Revistas Carlos Coelho
Festa da passagem do Equador
Paquete *Uíge*, 1955
MNT, inv. n.º 1 034 024

são da revista *Olha o Balão!*, faziam parte outros grandes nomes do teatro português, como a sua mulher Helena Tavares (1932-1979), prematuramente falecida, Mariamélia (1908-?), (com uma carreira desigual e hoje lembrada, sobretudo pelos seus magníficos retratos pintados e esculpidos pelo seu irmão Júlio de Sousa, mas também já, veterana, em África, pois em 1948 foi cabeça de cartaz da *tournee* da opereta *Zé do Telhado* àquele continente, onde regressaria novamente em 1949 integrada no elenco de uma outra revista, Maria Adelina (1930), Luís Horta (1919-1991), Jaime Santos (1914-1966) e, sobretudo, Canto e Castro (1930-2005), recentemente desaparecido e um dos mais notáveis e versáteis actores portugueses das últimas décadas. Ainda no mesmo ano actuam no Teatro Varieté, numa peça infantil (o que não deixa de ser,

Maria Domingas, Costinha e Luísa Durão,
numa peça infantil
Fotografia s.d.
MNT, inv. n.º 56 684



também, uma novidade), os actores Augusto Costa “Costinha” (1891-1976), sua mulher Luísa Durão (1899-1977) e Maria Domingas (1921), a participar numa digressão a Moçambique.

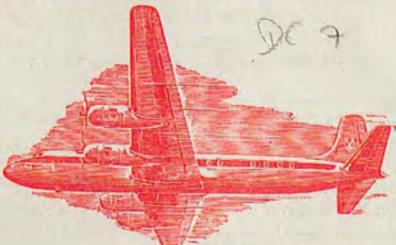
Programa da Companhia Berta
de Bivar-Alves da Cunha
Cine-Teatro Restauração, Luanda, 1954
MNT, inv. n.º 59 056

Faça publicidade por
intermédio da



STUDIO DE PUBLICIDADE ARTÍSTICA

C. P. 601 ♦ LUANDA ♦ Telef. 3028



DC 7

NÃO SE COMPROMETA SEM CONSULTAR
A

SABENA

Preços reduzidos pelas
Linhas mais rápidas

C. P. 2690 TELEF. 3310 LUANDA



**PROGRAMA
DO
CINE-TEATRO
RESTAURAÇÃO**



Revivam
os momentos felizes
COM O PROJECTOR

PAILLARD
G

Representantes Gerais

A Reconstutora



De 1954 é um programa para o moderno e espaçoso Cine-Teatro Restauração de Luanda, que apresenta duas grandes novidades: a primeira, reduzindo-se o repertório à comédia *O Dr. Juiz* de André Ferdinand, foge ao habitual formato de revista-fantasia - mágica - vaudeville que representava, por certo, a quase totalidade da programação artística das diversas digressões a África até então; a segunda novidade é a página de publicidade à companhia aérea belga SABENA que, com um magnífico DC 7, anunciava voos regulares para Luanda (para onde a nossa TAP voava também já desde 1947), com escala no então Congo belga, vizinho de Angola, renunciando, assim, uma completa revolução no transporte de longo curso e uma brutal redução no tempo de viagem para aquelas zonas do globo.

A título de exemplo, uma viagem de barco (só ida) poderia demorar até um mês (estamos a falar de Angola e Moçambique), fazendo-se a mesma distância de avião em apenas três dias (com tendência para ir sempre encurtando esse tempo), o que, como é óbvio, podia alterar claramente a organização e a programação das digressões, entrando-se agora, no que respeita à vida teatral e cultural (e não só...), numa nova fase de relacionamento com as colónias.

Resta dizer que esta comédia era levada à cena pela notável Companhia Berta de Bívar (1889-1964) – Alves da Cunha (1889-1956), o que poderia significar também uma terceira novidade, um casal de dois enormes actores do nosso século XX, e constituída ainda por outros actores “históricos” e inesquecíveis do teatro português como Maria Schulze 1912-?), José Amaro (1915-1975), Ricardo Alberty (1919-1992), Carlos José Teixeira (1920-1977) e a esplêndida Cecília Guimarães (1927), hoje ainda em grande actividade teatral. Esta companhia, que partiu de Lisboa no paquete *Império* (exactamente no mesmo dia em que este barco sofreu uma enorme explosão, mas sem consequências de maior), percorreu uma parte do território angolano, actuando, sempre com grande êxito, em Malange, Calulo, Benguela e Lobito, cidade onde acabariam por embarcar no paquete *Pátria* para regresso antecipado a Portugal, por doença súbita de Alves da Cunha, levando à anulação da prevista continuação da digressão a Moçambique.

A partir do final da década de cinquenta, apesar das longas viagens “teatrais” continuarem, ainda durante alguns anos, a ser feitas preferencialmente nos paquetes da CNN (Companhia Nacional de Navegação), as “digressões ao Ultramar” entram, em definitivo, na programação anual das diversas companhias de teatro comercial existentes em Lisboa (à semelhança, de resto, com o que acontecia com todo o país), fruto da vontade dos três mais influentes e activos empresários teatrais daquela década e da que se lhe seguiu (obviamente até à descolonização): José Miguel e, sobretudo, Giu-



seppe Bastos e Vasco Morgado. Por outro lado, contribui também directa ou indirectamente para esta situação um conjunto de alterações políticas e sociais, das quais o início da guerra colonial será a mais evidente.

Empresa Giuseppe Bastos
Digressão a África
Fotografia, 1963
MNT, inv. n.º 223 388

<

Palmira Ferreira, Irene Isidro, Luísa Durão, Isabel Ferreira e Luís Horta
Fotografia s.d.
MNT, inv. n.º 55 654

>

Programa da Empresa Giuseppe Bastos
7.ª digressão ao Ultramar, 1962
MNT, inv. n.º 174 660

Programa da Companhia Teatro Alegre, 1967
MNT, inv. n.º 54 615



Mantendo o teatro de revista e a comédia ligeira como formatos quase exclusivos, assistimos assim à deslocação periódica e organizada de grandes companhias daqueles géneros teatrais com produções próprias ou êxitos recentemente levados à cena em Lisboa e no Porto, e, através delas, ao regresso ou à passagem por terras africanas (alguns, bem mais que uma vez) de uma quantidade ímpar de grandes nomes do nosso teatro como Irene Isidro (1907-1993), Maria Helena Matos (1911-2002), Henrique Santana (1922-1995), Armando Cortez (1928-2002), Manuela Maria (1935), Francisco Ribeiro “Ribeirinho” (1911-1984), Costinha, Luísa Durão, Henrique Santos (1913-2000), Eugénio Salvador (tantos anos depois...), Humberto Madeira (1921-1971), Lígia Teles (1937), Mariema (1943), Camilo de Oliveira (1924), António Anjos (1936-1995) (natural de Angola), António Montez (1941),

Maria Domingas, Leónia Mendes (1922-2000), Óscar Acúrsio (1916-1990), Isabel de Castro (1931-2005), Maria Dulce (1936), Nicolau Breyner (1940), Lia Gama (1945) ou a brasileira Berta Lóran (1928).

Dos vários programas e fotografias existentes no MNT que documentam estes factos, de destacar os referentes à Companhia Teatro Alegre, uma companhia de comédias dirigida por Henrique Santana e “empresariada” por Vasco Morgado, que pelo menos até 1970 faz quatro digressões a África (o número da digressão era indicado nos programas), e os da Companhia de Revistas de Giuseppe Bastos, que em 1963 vai já na sua oitava digressão anual. “Na sequência de uma assiduidade que se estreitou através de mais de uma dezena de anos em que as suas companhias teatrais actuaram em terras ultramarinas, o produtor Giuseppe Bastos volta a Angola e Moçambique desta feita de braço



dado com o mais dinâmico dos empresários seus colegas. Vasco Morgado, também já aureolado com temporadas brilhantes da sua Companhia de Teatro Alegre”, lê-se na segunda página do programa que anuncia a fusão entre estes dois empresários na digressão *Ultramar 66*, com a sua “Fabulosa Companhia de Revistas”. Grande curiosidade deste programa é o anúncio, na sua contracapa, dos próximos espectáculos no Ultramar de “Laura Alves (1921-1986) à frente da sua notável Companhia” (só irá três anos depois), e ainda da “extraordinária Companhia do Teatro Nacional D. Maria II Rey Colaço Robles Monteiro”.

Em 1967, uma digressão intitulada *Vedetas Show*, que integrava alguns dos nomes mais populares do teatro, do cinema e da rádio portugueses de então, como (uma vez mais) Carlos Coelho, Helena Tavares e Leónia Mendes, Artur Semedo (1924-2001), Florbela Queirós (1943), Octávio de Matos (filho), Óscar Acúrsio ou Maria de Lurdes Rezende (cançonetista), percorre e actua quer nas principais cidades de Angola e Moçambique, quer também nas mais remotas povoações ou aquartelamentos, ao ar livre em palcos improvisados ou mesmo na “caixa aberta” dos célebres camiões Berliet/Tramagal³, em espectáculos destinados aos soldados portugueses que então combatem na guerra colonial.

Num texto constante num programa referente a (mais) uma digressão a África apresentada por

Vasco Morgado, em 1969, pode ler-se: “Esta digressão, porém, tem um significado especial a marcar o dinamismo e a vontade férrea de bem servir os frequentadores de teatro, por mais afastados que se encontrem da Capital, do ‘Lar comum dos portugueses’ [...] foi mercê da iniciativa sempre actuante de Vasco Morgado, que desde 1960 várias digressões de comédia têm sulcado os mares em demanda das Províncias de Angola e Moçambique. A digressão actual marca, no entanto, um ponto alto na sua actividade teatral, porque tem a honra de apresentar aos portugueses radicados nestas paragens a actriz mais popular e mais querida do público. Laura Alves! Laura Alves (há muito aguardada vem pela primeira vez ao Ultramar, com a sua Companhia, pela mão de Vasco Morgado.”

Era com esta pompa e circunstância que este empresário, também marido de Laura Alves (1922-1986), apresentava a primeira digressão desta



Octávio de Matos, Leónia Mendes, Florbela Queirós e Artur Semedo
 Fotografia s.d.
 MNT, inv. n.º 37 922

Laura Alves
 Fotografia s.d.
 MNT, inv. n.º 106 974

extraordinária actriz, à data a mais popular e mais amada pelo grande público do teatro comercial e ligeiro português, a África. Representando, alternadamente, quatro grandes êxitos sucessivamente aplaudidos no Teatro Monumental de Lisboa, *A Rainha do Ferro-Velho*, *A Flor do Cacto*, *O Comprador de Horas*, *A Idiota* e, ainda, *O Jovem Mentiroso* (sem a sua participação), Laura Alves rodeou-se, para esta digressão, de um elenco de luxo, onde pontificavam Rui de Carvalho (1927) (também director da Companhia), Canto e Castro, João Mota (1942), Tomás de Macedo (1917-1980), Manuela Maria ou Carlos José Teixeira, entre outros, nesta marcante digressão, patrocinada pelo Ministério do Ultramar e pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Mas é no início da década de setenta que se dá a primeira grande ruptura, e estamos a falar apenas no teatro “de cá para lá”, nas habituais digressões de tendência revisteira e comédia ligeira. Se, muito provavelmente, outros momentos existiram, refiro-me agora a duas históricas digressões, não só pelos actores que movimentaram mas, sobretudo, pelos repertórios que envolveram e por todo o trabalho técnico (tradução, cenografia, etc.) que as precedeu: a “primeira digressão ao Ultramar” do TNT - Teatro do Nosso Tempo e a digressão *Somos Dois*, de Eunice Muñoz (1928) e José de Castro (1931-1977).

O TNT - Teatro do Nosso Tempo, criado pelo actor e encenador Jacinto Ramos (1917-2004), “tinha várias finalidades: trazer ao público o teatro autêntico (não o subproduto) que tem relação, quer humana, quer estética, quer ambas ao mesmo tempo, com o **tempo português** em que vivemos”, como se podia ler no Programa preparado para esta digressão africana. Este grupo, próximo do trabalho teatral mais experimental e dos grupos do chamado teatro independente, deslocou-se a Angola e Moçambique, com subsídios do Ministério do Ultramar, dos Governos-Gerais daquelas então duas províncias, do Fundo Nacional de Teatro e

da Fundação Calouste Gulbenkian, com um curto elenco constituído pelo próprio Jacinto Ramos, na qualidade de actor e director, por Laura Soveral (curiosamente natural de Benguela, em Angola, por onde já teria andado em digressão, poucos anos antes, com o Grupo de Teatro Fernando Pessoa), Alberto Vilar e Luís Pinhão (1919-). Contudo, leva um repertório de peso, apresentando *Adorável Mentiroso* de Jerome Kilty, numa encenação de Luís de Sttau Monteiro, *O Diário de Um Louco* de Nicolau Gogol, com encenação de Jorge Listopad,

Cartaz da digressão a África do projecto *Somos Dois*
 Década de 1970
 MNT, inv. n.º 5108



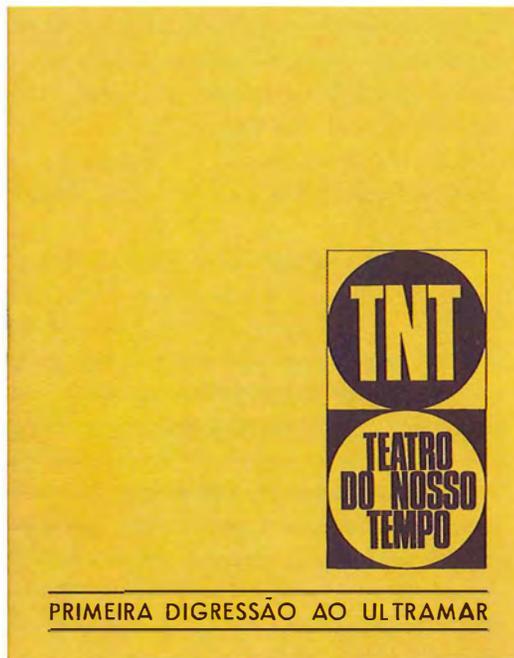


música de Jorge Peixinho e cenário de Sá Nogueira e *O Porteiro* de Harold Pinter, também com encenação de Jorge Listopad e cenário de João Vieira, todos já anteriormente levados à cena em Lisboa e no Porto com óptima recepção, quer da crítica quer do público.

Em relação ao projecto *Somos Dois* tinha como “razão de ser” o toda a gente saber que “a principal função do artista é comunicar, e exactamente porque é essa a sua principal função torna-se o seu maior prazer fazê-lo em toda a parte em que lhe for possível alargando os seus auditórios cada vez mais. Para o actor de declamação este alargamento tem um limite geográfico traçado nitidamente pelas fronteiras territoriais em que o seu idioma é entendido. Tendo em consideração estas verdades fundamentais, não admira que Eunice Muñoz e José de Castro, desprezando outras situações profissionais mais cómodas, tenham constituído um repertório que consideram actual e de bom nível intelectual

e artístico e na velha tradição teatral da carroça de Therpis, procurando plateias mais longínquas onde a sua arte possa ser entendida”. É com este “desprendimento” e regulados por estes princípios de prática artística que estes dois notáveis artistas, para muitos, e apesar da morte prematura de José de Castro, dois dos maiores actores portugueses do século XX, iniciam, em Março de 1970, uma histórica digressão a Angola e Moçambique. Nos diferentes palcos onde actuaram apresentaram as peças *Dois num Baloço* de William Gibson, com encenação de Francisco Russo e cenário de Victor André, *Os Dactilógrafos* de Murray Schisgal, encenada por Costa Ferreira, *A Oração* de Fernando Arrabal, com encenação de Carlos Avilez e a *A Voz Humana* de Jean Cocteau, com encenação da própria Eunice. Faziam ainda parte deste excepcional conjunto de espectáculos um Recital de Poesia, com poemas de Mário Cesariny, António Maria Lisboa ou Herberto Helder, entre outros, a *Conferência Ilustrada* de Luiz Francisco Rebello, a partir de textos

Eunice Muñoz e José de Castro
Peça *Dois num Baloço*
Digressão *Somos Dois*, 1970
Fotografia MNT, inv. n.º 4652



Programa da Companhia Teatro do Nosso Tempo (TNT)
Digressão a África
MNT, inv. n.º 97 877



Eunice Muñoz e Alberto Vilar
Digressão *Somos Dois*, Luanda, década de 1970
Fotografia MNT, inv. n.º 2454

Programa de *Fuenteovejuna*
Teatro Experimental de Cascais
Digressão a África, 1974
MNT, inv. n.º 134 872

de Bernardo Santareno, Sttau Monteiro, Augusto Sobral e Romeu Correia e *O Homem de Flor na Boca* de Luigi Pirandello, encenado por Costa Ferreira e com José de Castro e Alberto Villar. Facilmente se entende que, naquelas duas antigas colónias, se tratou de um acontecimento cultural raro e a todos os títulos excepcional.

Eunice Muñoz voltará a África (mais uma vez, a Angola e Moçambique) em 1973/1974, integrada numa grande digressão do Teatro Experimental de Cascais, na primeira e única vez que esta histórica companhia se deslocará áquele continente.

Fundado em 1965, "[...] interessado na procura e na experimentação, o Teatro Experimental de Cascais (cuja criação significou uma autêntica pedrada no charco da vida teatral de então) tem vindo a apresentar uma longa lista de autores, dos clássicos aos contemporâneos, estrangeiros e portugueses, que permitem um trabalho rico e diversificado", como se pode facilmente constatar através do repertório escolhido para esta digressão: o *Auto da Índia* e o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente; *Oração*

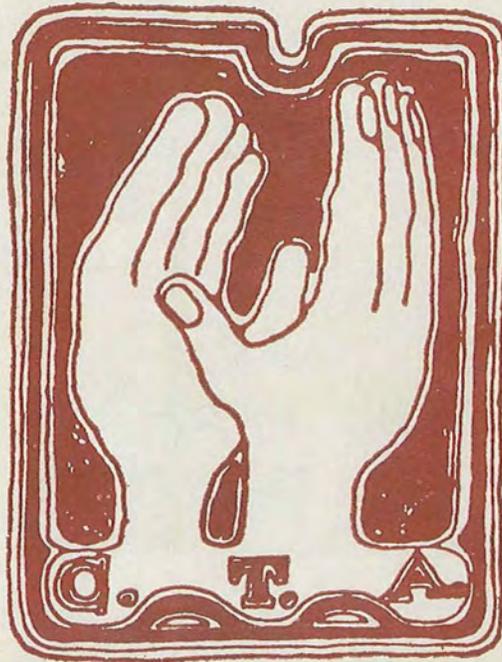
e *Os Dois Verdugos*, de Fernando Arrabal; *Fedra*, de Jean Racine (numa interpretação sublime de Eunice); *A Maluquinha de Arroios*, de André Brun; e o aclamadíssimo *Fuenteovejuna*, de Lope de Vega, tendo esta versão do TEC/Carlos Avilez estreado em 24 de Abril de 1973, em Barcelona, e estando em cena no dia 25 de Abril de 1974 em Vila Pery, em Moçambique.

Para além de Eunice Muñoz, integrou esta digressão, apoiada uma vez mais pela Fundação Calouste Gulbenkian, um notável grupo de actores, alguns ainda no início de brilhantes carreiras como João Vasco, António Marques, Zita Duarte (1943-2000), Eugénia Bettencourt, Santos Manuel ou Carlos Daniel (1952-1996), e outros já consagrados pelo público, pela crítica teatral e pela dedicação a esta arte como Isabel de Castro, Alberto Vilar, Lizette Frias (1928-?), Alina Vaz, Maria Albergaria (1928-1985) ou Eliza de Guizette (1912-1988).



teatro

boletim do clube de teatro de angola



Capa do boletim do Clube de Teatro de Angola, 1972
MNT, inv. n.º 143 609

No mensário moçambicano *Rádio Moçambique* – RM n.º 405, de Novembro de 1970, no artigo "Apontamento sobre o Teatro Universitário", Jorge Gouveia dava notícia de, pela primeira vez, Lourenço Marques ter "teatro Shakespeare num palco da cidade. É de louvar o esforço dispendido, pois conseguiu-se dar uma ideia do que é teatro a sério. [...] Um punhado de jovens de boa vontade, dirigidos por um elemento que sabe o que quer, o Dr Mário Barradas ('advogado de Lourenço Marques com muito nome e encenador'), deu-nos um espectáculo cheio de vida, de calor humano, criticando uma sociedade que mantém, através dos tempos, os mesmos erros e as mesmas qualidades". E conclui: "Oxalá não se perca esta bela iniciativa [...] e tenha continuação, apesar do seu encenador já não estar entre nós. Para bem do teatro em Lourenço Marques e para bem da cultura da juventude moçambi-

cana". Referia-se o autor ao espectáculo *Medida por Medida*, levado à cena pelo TEUM – Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique, no palco do "Dicca" (?), precedido de um ciclo de conferências proferidas por Abílio Cardoso, Eugénio Lisboa e Rui Knopfli. Entretanto, o encenador Mário Barradas (natural de Moçambique, e que também palestrou), abandonaria a sua terra natal e a sua profissão de advogado (na qual era um jovem promissor e cheio de talento) para, em Estrasburgo, na prestigiada escola do Teatro Nacional, dar início a uma vida dedicada exclusiva e apaixonadamente ao teatro, sendo hoje uma das figuras determinantes para a compreensão da história dos últimos quarenta anos daquela arte no nosso país.

Tal como já acontecera em Portugal propriamente dito, sopravam (ainda muito devagarinho...) novos ventos na vida teatral das capitais de Angola e

Moçambique: se em Lourenço Marques este movimento assenta, principalmente, no teatro universitário (de estudantes e independente) e germina com a criação do TEUM e do TALM, e com o fortíssimo apoio de Mário Barradas, em Luanda é sobretudo com o Clube de Teatro de Angola, e com o excelente Boletim que durante alguns anos editou, que se vão criando pequenos núcleos de verdadeira resistência (social, estética e política) ao marasmo, ao cinzento e, sobretudo, à pouca qualidade então dominante na maioria desta arte, “importada”, sem qualquer critério para além do riso fácil, brejeiro e do sucesso comercial, numa metrópole onde o velho Império Colonial e o anacrónico Estado Novo agonizavam os seus últimos dias.

Sem querer ser tão “excessivo” como Rogério Paulo (1927-1993), natural de Angola e com fortes raízes em Moçambique, também um dos nossos grandes actores do século XX, termino com duas

passagens numa interessante entrevista por ele dada ao n.º 417, de Novembro de 1971, do mesmo mensário *Rádio Moçambique* – RM: “É claro que pensei muitas vezes ir a Moçambique. Mas não é fácil, vivendo em Lisboa, ir ao Ultramar. Há tantos problemas que se põem pelo meio! Problemas de ordem económica, e outros. [...] Temos é de acabar com o facto de só se ver teatro em Angola e Moçambique, quando as companhias (e quase sempre as piores do Continente...) lá vão, mercê de negócios feitos pelos empresários. Fazem esse negócio e mandam para lá companhias com peças completamente desclassificadas e que não têm qualquer interesse, que vão chamar o pior dos instintos que as pessoas têm e fazer enorme confusão acerca do que é o teatro. Criar os grupos lá, as companhias lá, com uma escola de teatro própria, sua, acho que é um esforço que deve ser feito.”

Dando continuidade, umas dezenas de anos depois, às ideias, à crítica e às propostas de A. Vítor Machado e de Carlos Leal, Rogério Paulo renunciava, com quase três anos de antecedência, o fim do Império Colonial e a possibilidade (e o esforço) dos novos países africanos poderem, livre e finalmente, escolher e organizar a sua vida e a sua história teatral, buscando, nas suas próprias raízes culturais e sociais a construção de uma dramaturgia de uma linguagem própria e verdadeiramente autónoma.



Rogério Paulo na capa da revista *Rádio Moçambique*, 1971
MNT

- ¹ Thomaz Vieira (1878-1979), para além desta sua actividade como actor, a que se dedicou na primeira fase da sua vida activa, aos 53 anos virou-se para a difusão do cinema e criou em Moçambique a primeira companhia de cinema ambulante, percorrendo com um carro caravana (mais tarde baptizado *Quo Vadis*) todas as cidades e sertões do interior daquela colónia, durante mais de 35 anos. Em 1967 publica um livro de memórias, “Autêntico testemunho de vida, um texto antropológico de um observador atento da sociedade do seu tempo”.
- ² Barbara Volckart (1848-1935) foi uma das mais brilhantes atrizes portuguesas do seu tempo. Nasceu em Lisboa e faleceu em Benguela, onde então residia a sua família mais próxima.
- ³ Estes camiões pesados para transporte de tropas, parcialmente fabricados na já desaparecida fábrica do Tramagal, tornaram-se, por bons e maus motivos, um dos ícones e um dos equipamentos mais utilizados pelo Exército português durante a Guerra Colonial.

